

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o período das grandes descobertas, o “outro” sai do imaginário e atravessa a fronteira do possível e do real. Mas que tipo de sentimentos ele, seja através de qualquer forma de representação pintada, esculpida, escrita ou narrada, despertou no europeu da época? Atração e curiosidade pelo exótico? Ou repulsa e temor pela falta de entendimento? Talvez a resposta seja um reflexo dos acontecimentos entre o final do século XV e o início do XVI: um pouco (ou muito) de todas estas colocações, a partir de então, misturadas e fundidas irreversivelmente.

Mostramos neste estudo que muitas das características um dia atribuídas ao homem selvagem, tais como o primitivismo, a bestialidade, a violência, a sensualidade (ligada por sua vez à nudez) e a falta de conhecimento das ciências e de Deus, são muitas vezes as mesmas utilizadas pelos cronistas e colonizadores para descrever os índios de diversas partes do Brasil, estabelecendo uma ponte entre as lendas de um passado no qual foram criados com as novas realidades proporcionadas pela época dos descobrimentos, em que viviam. Segundo Roberto Gambini, “de uma perspectiva histórica, é natural que uma imagem negativa de homem primitivo devesse existir, pois o contraste assegurava ao civilizador a confirmação de sua duvidosa superioridade.”³²⁶ Em complemento, Sebastião da Silva Dias escreve que “é justamente como um selvagem – no sentido de homem pré-civilizado, com instintos muitas vezes cruéis, com hábitos de vida toscos, frequentemente estranhos à ‘moral’, e não raro próximos da simples animalidade – que os noticiaristas predominantemente o apresentam.”³²⁷

Entretanto, estas conclusões não foram unânimes na Europa. Encontramos em Michel de Montaigne (1533–1592), mais precisamente em seu ensaio sobre o canibalismo, diferentes comparações entre os índios do Brasil e as sociedades europeias durante e antes dos quinhentos. O humanista francês questiona, por exemplo, a idoneidade do discurso da maioria dos cronistas que viajaram até o Brasil e observaram os costumes dos nativos. Ele aponta:

“Eles [os cronistas] nunca apresentam as coisas como elas realmente são e sim as distorcem e as disfarçam a fim de conformá-las ao ponto de vista do qual eles as viram; e para ganhar credibilidade em suas opiniões e torná-las atrativas, eles não se importam em adicionar à elas algo a partir deles próprios ou estender e amplificá-las.”³²⁸

³²⁶ GAMBINI, Roberto. *O Espelho Índio – Os Jesuítas e a Destruição da Alma Indígena*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988, p.122.

³²⁷ DIAS, Sebastião da Silva. *Os Descobrimentos e a Problemática Cultural do Século XVI*. Universidade de Coimbra. Coimbra, 1973, p.197-198.

³²⁸ MONTAIGNE, Michel de. *Essays* (1580). Tradução e introdução de J. M. Cohen. Londres: Penguin Books, 1993, p.108.

Não queremos, porém, descredenciar as informações escritas pelos cronistas que no Brasil estiveram, pelo contrário: consideramo-nos testemunhas importantes a respeito da vida e costumes dos índios desta terra, entre os séculos XVI e XVII. Porém, é interessante relevar a teoria de Montaigne e pensarmos em até que ponto o etnocentrismo interferiu nestas descrições. Até que ponto suas linhas contém o reflexo dos medos e da antítese do modo de vida “civilizado” do europeu? Em outras palavras, até que ponto as descrições destes índios são uma extensão ao avesso ou uma projeção da personalidade do próprio cronista?

Montaigne também questiona o conceito de “barbaridade”, usado ao menos uma vez por todos os cronistas estudados nesta pesquisa para descrever os índios. Ele diz:

“Eu não acredito, a partir do que me foi dito a respeito desta gente [índios do Brasil], que haja algo bárbaro ou selvagem neles, exceto que todos nós chamamos de bárbaro qualquer coisa que é contrária aos nossos próprios hábitos. [...] Nós justificamos, portanto, chamá-los de bárbaros, baseados em referências das leis da razão, mas não ao compararmos com nós mesmos, pois superamo-los em todos os tipos de barbaridade.”³²⁹

Encontramos, portanto, em Michel de Montaigne, uma visão dicotômica, se comparada à maioria das descrições que apresentamos no desenrolar desta pesquisa. Encontramos também, o conceito do chamado “bom selvagem”. Segundo Montaigne, o europeu não só exagerava ou distorcia ao narrar o hábito de vida dos índios do Brasil, como também os taxavam de bárbaros, sendo que os autóctones não possuíam habilidades intelectuais desenvolvidas, ao contrário do próprio europeu, que, mesmo assim, com métodos de tortura terríveis, guerras, estupros e violência em massa, ao longo da história, superam os nativos em termos de selvageria e barbaridade.

Podemos perceber nas obras expostas neste estudo que a presença do índio do Brasil na arte portuguesa, diferentemente das pinturas de Albert Eckhout³³⁰, por exemplo, não é absoluta, certa ou natural. Ao invés disso, esse “outro” parece encarnar de uma forma coadjuvante as incertezas das sociedades portuguesa e europeia a respeito de sua cultura e universo exótico. De uma forma geral, os pincéis, cinzéis e penas utilizados para retratá-los, citá-los ou descrevê-los parecem fabricados nos dogmas do Cristianismo e do etnocentrismo, dentro do “sistema de produção” cultural europeu. E de certa forma, tanto o Lúifer do *Inferno*, quanto o rei mago da *Adoração dos Magos*, o bom ladrão do *Calvário* e o gárgula do Mosteiro da Batalha, entre outros, parecem ser, na verdade, um reflexo não do índio e sim, dos medos e esperanças do próprio povo português e europeu.

³²⁹ MONTAIGNE, Michel de. *op. cit.*, 1993, p.108-114.

³³⁰ Conferir obra completa em: BRIENEN, Rebecca Parker. *Albert Eckhout: Visões do Paraíso Selvagem*. Capivara. Rio de Janeiro, 2010.

“Podem-se descobrir os outros em si mesmo.”

Tzvetan Todorov

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA Sagrada – Antigo e Novo Testamento. João Ferreira de Almeida (trad.). São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

AMARAL, Marília Perazzo Valadares do. O Conceito de Alteridade Atrelado à Evolução da Representação Social do Índio no Brasil (Séculos XVI, XVII e XIX). *Revista Clio Arqueológica*, Recife, v. 23, n. 2, 2008.

ANCHIETA, José de. *Cartas: correspondência ativa e passiva, obras completas*. Org. H.Viotti. São Paulo: Loyola, 1984. v.6.

ANCHIETA, José de. Recebimento que Fizeram os Índios de Guaraparim ao Padre Provincial Marçal Beliarde. In: CARDOSO, P.A. (Org.). *Teatro de Anchieta*. São Paulo: Loyola, 1977.

AZEVEDO, Ana Maria de. O Índio Brasileiro: O “Olhar” Quinhentista e Seiscentista. In: CRISTÓVÃO, Fernando (Coord.). *Condicionantes culturais da literatura de viagens: estudos e bibliografias*. Coimbra: Almedina: CLEPUL, 2002.

BATORÉO, Manuel. O Índio na Arte Portuguesa do Renascimento. In: CURSO DE VERÃO DA ERICEIRA, 2., 2001, Ericeira. *Atas: Da visão do paraíso à construção do Brasil*. Ericeira: Mar de Letras, 2001.

BERBARA, Maria. Considerações Sobre as Relações entre Portugal e o Outro Durante o Renascimento. In: COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 28., 2008, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2009.

CAETANO, Joaquim Oliveira. Ao redor do presépio: fontes e imagens do ciclo da natividade. In: NATIVIDADE em S. Roque. Lisboa: Livros Horizonte: Museu de São Roque, 1994.

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta a El Rey Dom Manuel* (1500). Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta a El-Rei Dom Manuel Sobre o Achamento do Brasil* (1500). Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1974.

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel Sobre o Achamento do Brasil* (1500). Estudo crítico e notas de Ana Maria de Azevedo e de Maria Paula Caetano e Neves Águas. Publicações Europa-América, 2000.

CARDIM, Fernão. *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. Transcrição do texto, introdução e notas de Ana Maria de Azevedo. Lisboa: CNCDP, 1997.

CASAS, Bartolomeu de Las. *Historia de las Índias*. México: Fondo de Cultura Económica, 1951. 3 v.

CONDURU, Roberto; SIQUEIRA, Vera Beatriz. *Políticas públicas de cultura do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Sirius/FAPERJ, 2003.

CORDIVIOLA, Alfredo. Os dilemas da evangelização: Nóbrega e as políticas jesuíticas no Brasil do século XVI. In: DIÁLOGOS Latinoamericanos n.7. Aarhus: Universidade de Aarhus, 2003.

CORREIA, Vergílio. *Batalha II*: estudo histórico-artístico da escultura do Mosteiro da Batalha. Porto: Litografia Nacional: Edições Porto, 1931.

CORTESÃO, Jaime. *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1994.

CORTEZ, Fernando Russell. Pedro Álvares Cabral e Viseu. *Panorama, Revista Portuguesa de Arte e Turismo*, n.27, set. 1968.

COUTO, João. O inferno: painel português do século XVI. *Litoral, Revista Mensal De Cultura*, n.2 1944.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Imagens de Índios do Brasil: O Século XVI. *Revista de Estudos Avançados da USP*, São Paulo, n.10, 1990.

DIAS, M. C. Osório. *O índio do Brasil na literatura portuguesa dos séculos XVI, XVII e XVIII*. Tese (Licenciatura) - Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1961.

DIAS, Sebastião da Silva. *Os descobrimentos e a problemática cultural do século XVI*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1973.

DIJKHUIZEN, Jan Frans van; ENENKEL, Karl. *The sense of suffering: constructions of physical pain in early modern culture*. Leiden; Boston: Brill, 2009.

FARIA, Miguel Figueira de. Imagens de Santa Cruz: os primeiros testemunhos visuais europeus do Brasil: da utopografia à topografia. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO PORTUGAL-BRASIL: MEMÓRIAS E IMAGINÁRIOS, 2000. *Actas*. v.2

FERRONHA, António Luís (Coord.). *O confronto do olhar: o encontro dos povos na época das navegações portuguesas nos séculos XV e XVI*. Alfragide: Caminho, 1991.

FREIRE, José Ribamar Bessa. Cinco Ideias Equivocadas Sobre os Índios. *Revista do Centro de Estudos do Comportamento Humano*, Manaus, n. 1, 2000.

GAMBINI, Roberto. *O espelho índio: os jesuítas e a destruição da alma indígena*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. *História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil (1576)*. Introdução, modernização do texto e notas de Sheila Moura Hue e Ronaldo Menegaz. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. *Tratado da Terra do Brasil e história da Província de Santa Cruz (1576)*. São Paulo: Ed. Itatiaia e EdUSP, 1980.

GARCIA, José Manuel (Org.). *Relação da Viagem da Frota Comandada por Pedro Álvares Cabral*. In: O DESCOBRIMENTO do Brasil nos textos de 1500 a 1571. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

GESTEIRA, Heloísa Meireles. O Recife Holandês: história natural e colonização neerlandesa (1624-1654). *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v.2, n.1, 2004. Disponível em: <<http://www.popcyt.com/1710-md3.pdf>>. Acesso em: jan. 2012.

GOFF, Jacques Le. *Para um novo conceito de Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1980.

GOULÃO, Maria José. Do Mito do Homem Selvagem à Descoberta do “Homem Novo”: A Representação do Negro e do Índio na Escultura Manuelina. In: SIMPÓSIO LUSO-ESPANHOL DE HISTÓRIA DA ARTE: PORTUGAL E ESPANHA ENTRE A EUROPA E ALÉM-MAR, 4. 1992, Coimbra. *Anais*. Coord. Pedro Dias. Coimbra: Instituto de História da Arte da Universidade de Coimbra, 1992.

HASSIG, Debra. The iconography of rejection: jews and other monstrous races. In: IMAGE and Belief. Princeton: Ed. Colum Hourihane, 1999.

LABORIE, Jean-Claude. A Dispersão do Saber Missionário Sobre as Américas de 1549 a 1610: O Exemplo Jesuíta. Dossiê História Atlântica: Recortes e Perspectivas. *Revista de História*, São Paulo, n.152, 2005. Disponível em: www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S0034-3092005000100001&script=sci_arttext#title. Acesso em: jan. 2012.

LEITE, Serafim. *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil*. São Paulo: [s.n.], 1954. v.2

LEITE, Serafim. *Nóbrega e a Fundação de São Paulo*. Lisboa: Instituto de Intercâmbio Luso-Brasileiro, 1953.

LÉRY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil (1578)*. São Paulo: EdUSP, 1980.

LESTRINGANT, Frank. L’Entrée de l’Amérique Dans La Mythologie Classique. *Revista de História da Arte e Arqueologia*, Campinas, n.1, 1994. Disponível em: <http://www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista%201%20-%20artigo%205.pdf>> Acesso em: jan. 2012.

LEVENSON, Jay A. (Org.). *Encompassing the Globe: Portugal e o mundo nos séculos XVI e XVII*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 2009.

MARKL, Dagoberto. *Livro de horas de D. Manuel: estudo introdutório*. Lisboa: Crédito Português e Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1983.

MARKL, Dagoberto. Introdução ao Estudo do “Inferno” do Museu Nacional de Arte Antiga. *Boletim Cultural Póvoa de Varzim*, Póvoa de Varzim, v. 26, n. 2, 1989.

MARKL, Dagoberto. Inferno. In: GRÃO Vasco e a pintura europeia do Renascimento. Lisboa: CNCDP, 1992.

MONTAIGNE, Michel de. *Essays* (1580). Tradução e introdução de J. M. Cohen. Londres: Penguin Books, 1993.

NÓBREGA, Manuel da. *Cartas do Brasil (1549-1560) [Cartas Jesuíticas I]*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1931.

NÓBREGA, Manuel da. *Diálogo Sobre a Conversão do Gentio (1557-1558)*. Preliminares e anotações históricas e críticas de Serafim Leite. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros, 1954.

NÓBREGA, Manuel da. *Cartas do Brasil e Mais Escritos*. Introdução e notas históricas e críticas de Serafim Leite. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1955.

NÓBREGA, Manuel da. *Cartas do Brasil, Cartas Jesuíticas I*. São Paulo: Itatiaia e EdUSP, 1988.

NÓBREGA, Manuel da. *Diálogo Sobre a Conversão do Gentio (1557-1558)*. Edição e direção de Sálvio Marcelo Soares. São Paulo: Metalibri, 2006.

PEREIRA, Fernando António Baptista. *Arte Portuguesa da Época dos Descobrimentos*. [S.l.]: CTT Correios, 1996.

PEREIRA, Paulo (Org.). *História da Arte Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995. v.2.

PIGAFETTA, Antonio. *A primeira viagem ao redor do mundo: o diário da expedição de Fernão de Magalhães*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

PORFÍRIO, José Luís. *Inferno*: Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa. Lisboa: Edições Inapa, 1999.

RABELAIS, François. Briefve Déclaration d'aucunes Dictions Plus Obscures Contenues on Quatriesme Livre des Faicts et Dits Héroïques de Pantagruel en l'espitre Liminaires. In: _____. *Oeuwes complètes*. Paris: Gallimard, 1955.

RODRIGUES, Dalila (Coord.). *Grão Vasco e a pintura europeia do Renascimento*. Lisboa: CNCDP, 1992.

RODRIGUES, Dalila. *Obras-primas da arte portuguesa: pintura*. Lisboa: Athena, 2011.

RIBEIRO, Maria Aparecida. Penas de índio: a representação do “brasileiro” na arte portuguesa. *Mathesis*, Viseu, n.5, 1996.

SALVADO, António. *Leituras V: o índio brasileiro em alguns relatos portugueses do século XVI*. [S.l.: s.n.], 2003.

SCHWARTZ, Seymour e EHRENBERG, Ralph. *The mapping of America*. Nova York: Harry N. Abram Inc., 1980.

SERRÃO, Vítor. *História da arte em Portugal: o Renascimento e o Maneirismo*. Editorial Presença, 2002.

SIRACUSANO, Gabriela. *El poder de los colores*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 2005.

SOUSA, Gabriel Soares de. *Notícia do Brasil* (1587). Dir. Luís de Albuquerque. Lisboa: Publicações Alfa, 1989.

SOUZA, Laura de Mello. Um Imenso Portugal. *Revista Pesquisa FAPESP*, São Paulo, n. 201, nov. 2012.

STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil* (1557). Trad. Angel Bojadsen e introdução de Eduardo Bueno. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2008. v. 674.

THÉVET, André. *As singularidades da França Antártica* (1557). São Paulo: Itatiaia: EdUSP, 1978.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VECELLIO, Cesare. *De gli habiti antichi e moderni di diversi parti di mondo*. Veneza, 1590.

VESPÚCIO, Américo. *Carta a Lorenzo de Medici, Lisboa, outono de 1501*. In: D'OLWER, L.N. 1963.

VIEIRA, António. *Sermoens* (III). Lisboa: [s.n.], 1683.

Miscellanea e Variedade de Historias, Costumes, Casos e Cousas que em seu Tempo Aconteceram (1554).

ANEXO A - Transcrição de trechos da *Carta a El-Rei D. Manuel Sobre o Achamento do Brasil*, de Pero Vaz de Caminha.³³¹

Senhor:

Posto que o capitão desta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que nesta navegação agora se achou, não deixarei também de dar minha conta disso a Vossa Alteza, o melhor que eu puder [...]

E assim seguimos nosso caminho, por este mar, de longo,³³² até que, terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram 21 dias de abril [...] topamos alguns sinais de terra, os quais eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho, assim como outras a que dão o nome de rabo-de-asno. E, quarta-feira seguinte, pela manhã topamos aves e que chamam fura-buxos.³³³

Neste dia, a horas de véspera,³³⁴ havemos vista de terra! Primeiramente dum grande monte, mui alto e redondo; e doutras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos: ao monte alto o capitão pôs nome – o Monte Pascoal – e à terra – a Terra da Vera Cruz. [...]

Dali avistamos homens que andavam pela praia, obra de sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos, por chegarem primeiro. [...] Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijamente³³⁵ sobre o batel,³³⁶ e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram.

Ali não pôde deles haver fala, nem entendimento de proveito, por o mar quebrar na costa. Dou-lhes somente um barrete vermelho e uma carapuça³³⁷ de linho que levava na cabeça e um sombreiro preto. [...] e com isto se volveu às naus por ser tarde e não poder haver deles mais fala, por causa do mar. [...]

³³¹ Os trechos a seguir foram transcritos de uma das edições da carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei D. Manuel. O livro intitulado *Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel Sobre o Achamento do Brasil* (1500) (Publicações Europa-América, 2000, p.71-118), contém estudo crítico e notas de Ana Maria de Azevedo e de Maria Paula Caetano e Neves Águas, além de claro, a carta completa.

³³² *De longo* – Movimento progressivo e retilíneo em relação a um ponto determinado.

³³³ *Fura-buxos* – Aves aquáticas da família dos Procelarídeos, conhecidas também, no século XVI, pelos nomes de “chiretas” e “estapagados”, típicas da costa portuguesa e do mar dos Açores (Manuel Simões, *A Literatura de Viagens nos Séculos XVI e XVII*, Editorial Comunicações, Lisboa, 1985). Aqui, fica claro o início das associações de Caminha e dos outros tripulantes com a sua própria realidade, antes mesmo de avistarem os índios que aquela terra habitavam.

³³⁴ *Horas de véspera* – Hora canônica em que se rezava a oração da tarde, entre 15:00 e o pôr do Sol.

³³⁵ *Rijamente* – Decididamente.

³³⁶ *Batel* – Pequena embarcação utilizada como salvamento ou auxiliares como transporte para terra, que acompanhavam as caravelas e as naus.

³³⁷ *Carapuça* – As carapuças e os barretes eram peças usuais na indumentária dos mareantes portugueses dos quinhentos, que deveriam ser de baixa qualidade e preço, pois seriam utilizados como objetos de troca com os nativos de determinado lugar.

E sexta pela manhã, às oito horas, pouco mais ou menos, por conselhos dos pilotos, mandou o capitão levantar as âncoras e fazer vela; e fomos ao longo da costa, com os batéis e esquifes amarrados à popa na direção do norte, para ver se achávamos alguma abrigada³³⁸ e bom pouso, onde nos demorássemos para tomar água e lenha. [...]

E, velejando nós pela costa, acharam os ditos navios pequenos, obra de dez léguas [cerca de 55,5 km] do sítio donde tínhamos levantado ferro, um recife³³⁹ com um porto³⁴⁰ dentro, muito bom e muito seguro, com uma mui larga entrada. E meteram-se dentro e amainaram.³⁴¹ [...]

E estando dentro Afonso Lopes, nosso piloto, em um daqueles navios pequenos, por mandado do capitão, por ser homem vivo e destro para isso, meteu-se logo do esquife a sondar o porto adentro; e tomou dois daqueles homens da terra, mancebos e de bons corpos, que estavam numa almadia.³⁴² Um deles trazia um arco e seis ou sete setas; e na praia andavam muitos com seus arcos e setas; mas de nada lhes serviram.³⁴³ Trouxe-os logo, já de noite, ao capitão, em cuja nau foram recebidos com muito prazer e festa. [...]

E um deles trazia por baixo da solapa,³⁴⁴ de fonte a fonte para detrás, uma espécie de cabeleira de penas de aves amarelas, que seria do comprimento de um coto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas. E andavam pegada aos cabelos, pena e pena, com uma confeição branda como cera (mas não o era), de maneira que a cabeleira ficava mui redonda e mui basta, e mui igual, e não fazia míngua mais lavagem para a levantar. [...]

Então estiraram-se de costas na alcatifa, a dormir, sem buscarem maneira de encobrir suas vergonhas, as quais não eram fanadas,³⁴⁵ e as cabeleiras delas estavam bem rapadas e feitas. O capitão lhes mandou pôr por baixo das cabeças seus coxins³⁴⁶, e o da cabeleira esforçava-se por a não quebrar. E lançaram-lhes um manto por cima; e eles consentiram, quedaram-se e dormiram.³⁴⁷ [...]

³³⁸ *Abrigada* – Local abrigado das intempéries.

³³⁹ *Recife* – Rochedo, que corresponde ao atual topônimo Coroa Vermelha (Manuel Simões, *A Literatura de Viagens nos Séculos XVI e XVII*, Editorial Comunicações, Lisboa, 1985).

³⁴⁰ Este porto foi batizado de “Porto Seguro”, que é a atual baía Cabrália, em homenagem a Pedro Álvares Cabral. A cidade de Porto Seguro, no estado da Bahia, fica hoje a 22,2 km ao sul.

³⁴¹ *Amainaram* – Recolheram as velas e pararam a embarcação.

³⁴² *Almadia* – Embarcação comprida e estreita usada pelos indígenas.

³⁴³ A esta altura, Caminha ainda não havia percebido as habilidades desses índios na caça e na pesca, ao contrário de Pero de Magalhães de Gândavo, Gabriel Soares de Sousa e Hans Staden.

³⁴⁴ *Solapa* – Modo dos indígenas usarem os cabelos, parte caindo sobre a testa e parte sobre o resto da cabeça, que era rapado.

³⁴⁵ *Fanadas* – Circuncisadas.

³⁴⁶ *Coxins* – Almofadas que servem também de assento.

³⁴⁷ Cortesias e agradados à parte – de ambos os lados – o ato dos índios simplesmente deitarem e dormirem no chão do navio, um local estranho e repletos de pessoas que acabaram de conhecer e que poderiam infringir-lhes qualquer mal que desejassem, deve ter sido, no mínimo, espantoso para os portugueses que ali estavam. E, sem dúvida, contribuiu e muito para a impressão inicial de Caminha ao classificá-los como “gente inocente”.

E daqui mandou o capitão a Nicolau Coelho e Bartolomeu Dias que fossem em terra e levassem aqueles dois homens³⁴⁸ e os deixassem ir com seu arco e setas, e isto depois que fez dar a cada um sua camisa nova, sua carapuça vermelha e um rosário de contas brancas de osso, que eles levaram nos braços, seus cascavéis³⁴⁹ e suas campainhas. E mandou com eles, para lá ficar, um mancebo degredado, criado de D. João Telo, a que chamam Afonso Ribeiro, para lá andar com eles e saber de seu viver e maneiras.³⁵⁰ E a mim mandou que fosse com Nicolau Coelho.

Fomos assim de frecha³⁵¹ direitos à praia. Ali acudiram logo obra de duzentos homens, todos nus, e com arcos e setas nas mãos. Aqueles que nós levávamos acenaram-lhes que se afastassem e pousassem os arcos; e eles os pousaram, mas não se afastaram muito. E mal pousaram os arcos, logo saíram os que nós levávamos, e o mancebo degradado com eles. E saídos não pararam mais; nem esperava um pelo outro, mas antes corriam a quem mais corria. E passaram um rio que por ali corre, de água doce, de muita água que lhes dava pela braga,³⁵² e outros muitos com eles. E foram assim correndo, além do rio, entre umas moitas de palmas onde estavam outros.

Ali pararam. Entretanto foi-se o degredado com um homem que, logo ao sair do batel, o agasalhou³⁵³ e levou até lá. Mas logo tornaram a nós; e com eles vieram os outros que nós leváramos, os quais vinham já nus e sem carapuças. Então se começaram de chegar muitos. Entraram pela beira do mar para os batéis, até que mais não podiam; traziam cabaços de água e tomavam alguns barris que nós levávamos; enchiam-nos de água e traziam-nos aos batéis. Não que eles de todo chegassem à borda do batel. Mas junto a ele, lançavam os barris que nós tomávamos; e pediam que lhes dessem alguma coisa.³⁵⁴ Levava Nicolau Coelho cascavéis e manilhas.³⁵⁵ E a uns dava um cascavel, a outros uma manilha [...] Davam-nos

³⁴⁸ Aqui vale a pena destacar a palavra “homens”, designada por Cabral ao referir-se aos dois índios que estiveram presente e dormiram em sua embarcação. Isso porque o cronista opta por não usar outras palavras de cunho mais pejorativo para designar aquele “outro”, tal como “selvagens”, “bestas”, “gentios”, etc. como podemos encontrar na maioria dos relatos de cronistas dos séculos XVI e XVII.

³⁴⁹ *Cascavéis* – Guizos.

³⁵⁰ Era costume irem condenados à morte integrados nas armadas. Eram enviados pelos soberanos para que desempenhassem as missões mais arriscadas e para realizarem os primeiros contatos com os nativos, chegando muitas vezes a ficar entre eles, a fim de aprenderem sua língua e colherem informações, que seriam de grande utilidade futura. Assim aconteceu com estes dois condenados à morte que acompanhavam a frota de Cabral (CAMINHA, *op. cit.*, 2000, p.85).

³⁵¹ *De frecha* – Rapidamente.

³⁵² *Braga* – Coxa.

³⁵³ Seria este um ato de retribuição ao tratamento dado aos seus companheiros na nau de Cabral?

³⁵⁴ Caminha nos narra nesse trecho uma clara proposta de relacionamento aliado e cordial, por assim dizer, por parte dos índios para com os portugueses, quiçá uma tentativa de retribuição ao bom tratamento e presentes dados aos dois índios que dormiram no navio. Ao fato de encherem os barris de água potável e pedirem algo em troca subentende-se uma aliança através de gestos.

³⁵⁵ *Manilhas* – Argolas de metal usadas nos braços ou nas pernas, como adorno.

aqueles arcos e setas por sombreiros e carapuças de linhos ou por qualquer coisa que homem lhes queria dar. [...]

Muitos deles ou quase a maior parte dos que andavam ali traziam aqueles bicos de osso nos beiços. E alguns, que andavam sem eles, tinham os beiços furados e nos buracos uns espelhos de pau, que pareciam espelhos de borracha;³⁵⁶ outros traziam três daqueles bicos, a saber, um no meio e os dois nos cabos.³⁵⁷

Aí andavam outros, quartejados de cores, a saber, metade deles da sua própria cor, e metade de tintura preta, a modo de azulada; e outros quartejados de escaques.³⁵⁸ Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e tão limpas de cabeleiras que, de as muito olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha. Ali por então não houve mais fala ou entendimento com eles, por a berberia³⁵⁹ deles ser tamanha que não se entendia nem ouvia ninguém.³⁶⁰

Acenamos-lhes que se fossem; assim o fizeram e passaram além do rio. [...] tornamo-nos às naus. Mas quando assim vínhamos, acenaram-nos que tornássemos. Tornamos e eles mandaram o degredado e não quiseram que ficasse lá com eles. Este levava uma bacia pequena e duas ou três carapuças vermelhas para lá as dar ao senhor, se o lá houvesse. Não cuidaram de lhe tirar coisa alguma, antes o mandaram com tudo. Mas então Bartolomeu Dias o fez outra vez tornar, ordenando que lhes desse aquilo. [...] Logo voltou e nós trouxemo-lo.

Esse que o agasalhou era já de idade, e andava por louçainha³⁶¹ todo cheio de penas, pegadas pelo corpo, que parecia asseteado³⁶² como S. Sebastião. Outros traziam carapuças de penas amarelas; outros, de vermelhas; e outros de verdes. E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo a cima daquela tintura; e certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha) tão graciosa, que a muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhes tais feições, fizera vergonha, por não a sua como ela. Nenhum deles era fanado, mas, todos assim, como nós. E com isto nos tornamos e eles foram-se. [...]

³⁵⁶ *Espelhos de pau, que pareciam espelhos de borracha* – Pequenos recipientes de couro, para vinho, sendo a tampa de pau chamada de “espelho”.

³⁵⁷ *Cabos* – Extremidades.

³⁵⁸ *Escaques* – Quadrados, como os do tabuleiro de xadrez.

³⁵⁹ *Berberia* – Barbárie.

³⁶⁰ Logo após contemplar a beleza e exotismo daquele povo – ou pelo menos assim dá a entender – Caminha parece confuso ao vê-los, provavelmente, festejando, falando alto ou gritando, de maneira para ele desordenada. Desse modo, o nosso cronista não hesita em classificar aquilo que não entende como um ato bárbaro, algo comum a quase todos os futuros testemunhos europeus daquele e de outros grupos étnicos indígenas.

³⁶¹ *Louçainha* – Vaidade; galantaria.

³⁶² *Asseteado* – Trespasado por setas ou flechas.

Também andava aí outra mulher moça, com um menino ou menina no colo, atado com um pano³⁶³ (não sei de quê) aos peitos, de modo que apenas as perninhas lhe apareciam. Mas as pernas da mãe e o resto não traziam pano algum.

Depois andou o capitão, para cima ao longo do rio, que corre sempre chegado à praia. Ali esperou um velho, que trazia na mão uma pá de almadia. Falava, enquanto o capitão esteve com ele, perante nós todos, sem nunca ninguém o entender, nem ele a nós quantas coisas lhe demandávamos acerca de ouro, que nós desejávamos saber se na terra havia.³⁶⁴ [...]

Além do rio, andavam muitos deles dançando e folgando, uns diante dos outros, sem se tomarem pelas mãos. E faziam-no bem. Passou-se então além do rio Diogo Dias, almoxarife que foi de Sacavém, que é homem gracioso e de prazer; e levou consigo um gaiteiro nosso com sua gaita. E meteu-se com eles a dançar, tomando-os pelas mãos; e eles folgavam e riam, e andavam com ele muito bem ao som de gaita. Depois de dançarem, fez-lhe ali, andando no chão, muitas voltas ligeiras e salto real,³⁶⁵ de que eles se espantavam e riam e folgavam muito. E conquanto com aquilo muito os segurou e afagou, tomavam logo uma esquiveza³⁶⁶ como de animais monteses, e foram-se para cima [do rio]. [...]

Os outros dois, que o capitão teve nas naus, a que deu o que já disse, nunca mais aqui apareceram – do que tiro ser gente bestial, de pouco saber e por isso tão esquiva.³⁶⁷ Porém e com tudo isto, andam muito bem curados³⁶⁸ e muito limpos. E naquilo me parece ainda mais que são como aves ou alimárias³⁶⁹ monteses, às quais faz o ar melhor pena e melhor cabelo que às mansas, porque os corpos seus são tão limpos, tão gordos e formosos, que não pode mais ser.³⁷⁰

³⁶³ Este testemunho do nosso escrivão evidencia a estranheza da utilização de um pano para amarrar a criança ao peito, ao invés de cobri-la, como faziam a maioria das europeias. Contudo, Caminha afirma desconhecer o material do qual o pano era feito, o que mais tarde, vem-se, a saber, era fabricado de algodão, que os ameríndios já cultivavam antes da chegada dos portugueses.

³⁶⁴ Aqui, já não há mais nenhuma dúvida quanto ao verdadeiro interesse da armada de Cabral naquelas terras. Mas fica a questão: seria esse, o ouro, o verdadeiro motivo por trás do bom tratamento dado aos índios por aqueles homens? O objetivo seria a troca pacífica de ouro ou prata por objetos do cotidiano português, quase sem valor? Vale lembrar que mais tarde Caminha chegaria à conclusão que aquele povo não tinha ou demonstrava não ter conhecimento acerca dos metais...

³⁶⁵ *Salto real* – Salto mortal.

³⁶⁶ *Esquiveza* – Desconfiança.

³⁶⁷ Caminha associa nesse trecho a desconfiança dos índios ao ato de um animal selvagem que foge de uma possível armadilha, novamente fazendo tal associação ao não compreender o porquê de tamanha desconfiança, já que os portugueses, pelo menos até ali, os trataram muito bem.

³⁶⁸ *Muito bem curados* – Muito bem tratados, de boa saúde.

³⁶⁹ *Alimárias* – Animais irracionais (selvagens).

³⁷⁰ Aqui Caminha parece concluir que esse povo é daquela forma limpo e formoso graças ao clima em que viviam, tal e qual animais afortunados por viverem em determinadas regiões e climas favoráveis e não por mérito exclusivamente próprio. Por outro lado pode-se considerar este mais um elogio do cronista àquela terra, “de muito bons ares”, aliás, elogios estes, muito frequentes ao longo da carta.

Isto me faz presumir que não têm casas nem moradas a que se acolham, e o ar, a que se criam, os faz tais. Nem nós ainda até agora vimos casa alguma ou maneira delas.³⁷¹

À terça-feira [28 de abril], depois de comer, fomos em terra dar guarda de lenha e lavar roupa. Estavam na praia, quando chegamos, obra de sessenta ou setenta, sem arcos e sem nada. Tanto que chegamos, vieram logo para nós, sem se esquivarem. Depois acudiram muitos, que seriam bem duzentos, todos sem arcos; e misturam-se todos tanto conosco que alguns nos ajudavam a acarretar lenha e a meter nos batéis. [...] ³⁷²

Quando Sancho de Tovar se recolheu à nau, queriam vir com ele alguns, mas ele não quis senão dois mancebos dispostos³⁷³ e homens de prol.³⁷⁴ [...] Comeram toda a vianda que lhes deram; e mandou-se fazer cama de lençóis [...] Dormiram e folgaram aquela noite. À quinta-feira, derradeiro de abril, comemos logo, quase pela manhã [...] Aos hóspedes, sentaram cada um em sua cadeira. E de tudo o que lhes deram comeram mui bem, especialmente lacão³⁷⁵ cozido, frio e arroz.³⁷⁶ [...]

Acabado o comer, metemo-nos todos no batel e eles conosco. Deu um grumete a um deles uma armadura grande de porco-montês,³⁷⁷ bem revolta.³⁷⁸ Tanto que a tomou, meteu-a logo no beicho, e, porque se lhe não queria segurar, deram-lhe uma pouca de cera vermelha. E ele ajeitou-lhe seu adereço detrás para ficar segura, e meteu-a no beicho, assim revolta para cima. E vinha tão contente com ela, como se tivera uma grande jóia. E tanto que saímos de terra, foi-se logo com ela, e não apareceu mais aí. [...]

Eles não lavram, nem criam. Não há aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem qualquer outra alimária, que costumada seja ao viver dos homens. Nem comem senão desse inhame, que aqui há muito, e dessa semente e frutos, que a terra e as

³⁷¹ Essa informação seria retificada na carta logo a seguir, como já mencionamos anteriormente, dado os testemunhos de Afonso Ribeiro e outros dois degredados os quais receberam a ordem de passar uma noite ao lado dos nativos e retornaram com as informações na manhã seguinte, junto com “papagaios vermelhos” (araras) e dois “verdes pequeninos” (tuins ou cuiubas), além de carapuças de penas verdes e um pano de penas coloridas que obtiveram na troca de objetos de baixo valor e que deveriam ser enviadas para o Rei D. Manuel, segundo a intenção de Pedro Álvares Cabral.

³⁷² Neste parágrafo da carta, podemos supor que o fato dos índios já não se apresentarem perante os portugueses com arcos e flechas, como antes faziam, possivelmente indica um nível de confiança maior naqueles estranhos, talvez até pensado em novos aliados (os grupos étnicos tinham alianças e guerreavam entre si frequentemente).

³⁷³ *Dispostos* – Graciosos, fisicamente bem proporcionados.

³⁷⁴ *Homens de prol* – Homens nobres, dos principais. Aqui, nota-se por parte dos portugueses a percepção de alguma forma de hierarquia no grupo, contrariando o discurso de muitos futuros escritores – como Gândavo – que entre eles viveram e alegaram que “entre aquela gente não há qualquer tipo de hierarquia nem principais.”

³⁷⁵ *Lacão* – Presunto.

³⁷⁶ Aqui podemos ver que o nível de integração entre elementos do grupo Tupiniquim e os membros da frota cabralina torna-se mais evidente, pois agora já comem boa parte dos alimentos que os portugueses lhes davam, embora continuassem a recusar o vinho.

³⁷⁷ *Armadura de porco-montês* – Presa de javali.

³⁷⁸ *Revolta* – Voltada.

árvores de si lançam. E com isto andam tais e tão rijos³⁷⁹ e tão nédios³⁸⁰ que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos.³⁸¹

Neste dia, enquanto ali andaram, dançaram e bailaram sempre com os nossos, ao som dum tamboril dos nossos, em maneira que são muito mais nossos amigos do que nós seus.³⁸² [...]

Esta terra, Senhor, me parece que da ponta mais contra o sul vimos até outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto havemos vista, será tamanha que haverá nela vinte ou vinte e cinco léguas por costa [até 138,8 km]. [...]

Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados, como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.

Porém, o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em nela deve lançar. [...]

E nesta maneira, Senhor, dou aqui a Vossa Alteza conta do que nesta terra vi. E, se algum pouco me alonguei, Ela me perdoe, pois o desejo que tinha de tudo vos dizer mo fez pôr assim pelo miúdo.

Beijo as mãos de Vossa Alteza.

Deste porto seguro, da vossa ilha³⁸³ da Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500.

Pero Vaz de Caminha

* * * * *

³⁷⁹ *Rijos* – Robustos, vigorosos, musculosos.

³⁸⁰ *Nédios* – Lustrosos por efeito da gordura.

³⁸¹ Neste trecho Caminha mais uma vez associa o modo de vida daquele povo com o europeu. Observou corretamente o fato de entre eles não haver qualquer tipo de criação de gado ou aves para consumo próprio, porém não percebeu que eles consumiam carne de animais.

³⁸² Essa conclusão de Caminha ajuda a sublinhar o fato dele considerar aquele povo inocente, além de apontar, mais uma vez, para a possibilidade do bom tratamento inicial que os portugueses deram aos tupiniquins, ser de interesse econômico.

³⁸³ *Ilha de Vera Cruz* – Durante muitos anos considerou-se que a nova terra descoberta seria uma ilha, – apesar de enorme –, mais uma entre outras, descoberta pelos portugueses no Oceano Atlântico. (CAMINHA, *op. cit.*, 2000, p.118). Michel de Montaigne, talvez tenha sido o primeiro a contrariar essa teoria em um dos seus ensaios (sobre o canibalismo). Vide: MONTAIGNE, Michel de. *Essays* (1580). Tradução e introdução de J. M. Cohen. Londres: Penguin Books, 1993, p.106-107.

ANEXO B - Transcrição de trechos do *Diálogo Sobre a Conversão do Gentio*, do padre Manuel da Nóbrega.³⁸⁴

“Porque me dá o tempo lugar para me alargar, quero falar com meus irmãos o que meu espírito sente, e tomarei por interlocutores ao meu irmão Gonçalo Alvarez, a quem Deus deu graça e talento para ser trombeta de sua palavra na capitania do Espírito Santo, e com meu irmão Matheus Nogueira, ferreiro de Jesus Cristo, o qual, posto que com palavras não prega, fá-lo com obras e com marteladas.

[...]

G.A.³⁸⁵: – Por demais é trabalhar com estes³⁸⁶; são tão bestiais, que não lhes entra no coração coisa de Deus; estão tão encarniçados de matar e comer, que nenhuma outra bem-aventurança sabem desejar; pregar a estes é pregar em deserto à pedras.

M.N.³⁸⁷: – Se tiverem rei, poderão se converter ou adorarem alguma coisa; mas, como não sabem que coisa é crer nem adorar, não podem entender a pregação do Evangelho, pois ela se funda em fazer crer e adorar a um só Deus, e a esse só servir; e como este gentio não adora nada, nem crê nada, tudo o que lhe dizeis se fica nada.

[...]

M.N.: – Uma coisa tem estes pior de todas, que quando vêm à minha tenda, com um anzol que lhes dê, os converterei a todos, e com outros os tornarei a desconverter, por serem inconstantes, e não lhes entrar a verdadeira fé nos corações. Ouvei eu já um evangelho a meus padres, onde Cristo dizia: ‘não deis o Santo aos cães, nem deiteis as pedras preciosas aos porcos.’ Se alguma geração há no mundo, por quem Cristo Nosso Senhor isto diga, deve ser esta, porque vemos que são cães em se comerem e matarem, e são porcos nos vícios e na maneira de se tratarem [...]

G.A.: – [...] Eu tive um negro³⁸⁸, que criei de pequeno, cuidei que fosse bom cristão e fugiu-me para os seus: pois quando aquele não foi bom, não sei quem o seja. Não é este o que só me faz desconfiar destes serem capazes do batismo, porque não fui eu só que criei este corvo; nem sei se é bem chamar-lhe corvo, pois vemos que os corvos, tomados nos ninhos, se

³⁸⁴ Transcritos de: NÓBREGA, Manuel da. *Cartas do Brasil e Mais Escritos*. Introdução e notas históricas e críticas de Serafim Leite. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1955, p.340-371 e NÓBREGA, Manuel da. *Diálogo Sobre a Conversão do Gentio* (1557-1558). Edição e direção de Sálvio Marcelo Soares. São Paulo: Metalibri, 2006. p.5-18.

³⁸⁵ Gonçalo Álvares.

³⁸⁶ Refere-se aos chamados “índios do gato”, grupo liderado por Maracajaguaçu, que quer dizer “gato grande”. Este grupo teria chegado ao Espírito Santo, onde habitava Álvares, por volta de março de 1555. Vide: NÓBREGA, *op. cit.*, 1955, p.340-341.

³⁸⁷ Mateus Nogueira.

³⁸⁸ Índio.

criam e amansam e ensinam, e estes, mais esquecidos da criação que os brutos animais, e mais ingratos que os filhos das víboras que comem suas mães, nenhum respeito têm ao amor e criação que neles se faz.

[...]

M.N.: – [...] que aproveitaria se fossem cristãos por força e gentios na vida e nos costumes e vontade?

G.A.: – Aos pais, dizem os que têm esta opinião, que pouco, mas os filhos, netos e daí por diante o poderão vir a ser, e parece que têm razão.

M.N.: – E a mim sempre me pareceu este muito bom e melhor caminho, se Deus assim fizesse, que outros. [...]

M.N.: – [...] dir-vos-ei o que muitas vezes martelando naquele ferro duro estou cuidando e o que ouvi a meus padres por muitas vezes. Parece que nos podia Cristo [que] nos está ouvindo, dizer: ‘Ó estultos e tardios de coração para crer!’ Estou eu imaginando todas as almas dos homens seres humanos e todas de um metal, feitas à imagem e semelhança de Deus, e todas capazes da glória e criadas para ela; e tanto vale diante de Deus por natureza a alma do Papa, como a alma do vosso escravo Papaná.

G.A.: – Estes têm alma como nós?

M.N.: – Isso está claro, pois a alma tem três potências: entendimento, memória e vontade, que todos têm. [...] Depois que nosso pai Adão pecou, como diz o salmista, não conhecendo a honra que tinha, foi tornado semelhante à Besta, de maneira que todos, assim portugueses, como castelhanos, como tamoios, como aimorés, ficamos semelhantes a bestas por natureza corrupta, e nisto todos somos iguais, nem dispensou a natureza mais com uma geração que com outra [...] Façamos logo do ferro todo um, frio e sem virtude, sem se poder volver a nada, porém, metido na forja, o fogo o torna que mais parece fogo que ferro; assim todas as almas sem graça e caridade de Deus são ferro frio, sem proveito, mas quanto mais se aqueça no fogo, tanto mais fazeis dele o que quereis. [...]

G.A.: – [...] Mas como são os outros todos³⁸⁹ mais polidos, sabem ler, escrever, tratam-se limpamente, souberam a filosofia, inventaram as ciências que agora há, e estes nunca souberam mais que andarem nus e fazerem uma flecha? [...]

M.N.: – [...] Terem os romanos e outros gentios mais polícia³⁹⁰ que estes não lhes veio de terem naturalmente melhor entendimento, mas de terem melhor criação e criarem-se mais politicamente. [...]

³⁸⁹ Refere-se a outros “gentios” como judeus, muçulmanos e os antigos romanos e gregos, que adoravam a outro(s) deus(es) e objetos, mas não ao “verdadeiro Deus”, como expôs em trecho anterior.

G.A.: – Pois como tiveram estes pior criação que os outros e como não lhes deu a natureza a mesma polícia que deu aos outros?

M.N.: – Isso podem-vos dizer chãmente³⁹¹, falando a verdade, que lhes veio por maldição de seus avós, porque estes cremos serem descendentes de Cam, filho de Noé³⁹², que descobriu as vergonhas de seu pai bêbado, e em maldição, e por isso, ficaram nus e têm outras mais misérias. Os outros gentios, por serem descendentes de Sem e Jafé, era razão, pois eram filhos de bênção, terem mais alguma vantagem.³⁹³

[...]

G.A.: – [...] mas os padres que lhes falam com tanto amor, porque não os crêem?

M.N.: – Porque até agora não têm os índios visto essa diferença entre os padres e os outros cristãos.³⁹⁴ Seja logo esta a conclusão, que quando Santiago, com correr toda Espanha e falar mui bem a língua, e ter grande caridade, e fazer muitos milagres, não converteu mais de nove discípulos; e vos quereis e os padres, sem fazer milagres, sem saber a sua língua, nem entender-se com eles, com terdes presunção de apóstolo e pouca confiança e fé em Deus, e pouca caridade, que sejam logo bons cristãos?”

* * * * *

³⁹⁰ *Polícia* – civilidade.

³⁹¹ *Chãmente* – francamente, sinceramente.

³⁹² Conforme explicação na parte introdutória.

³⁹³ Sem e Jafé eram irmão de Cam, e, do contrário dele, tomaram a atitude “correta” e cobriram a nudez de seu pai, Noé, sem ao menos contemplá-la. Diz o livro do Gênesis que “estes são os três filhos de Noé: e deles se propagou todo o gênero humano sobre toda a terra.” (Gênesis 9:18-27) Logo, para Nóbrega aqueles índios eram filhos de Cam, ou seja, do engano, enquanto outros gentios “mais avantajados” eram filhos de Sem e Jafé.

³⁹⁴ Nóbrega critica em trecho anterior do *Diálogo* a atitude dos outros cristãos para com os índios, principalmente em relação à tomada de seus filhos como escravos.